



## Estudos em Escrita Criativa

Patricia Gonçalves Tenório<sup>1</sup>

Março, 2021

### Será arte?

<https://youtu.be/IF0UFCuypQc>

Doze de agosto de 2008. Paraty, Flip. A fila quilométrica. Ao lado da tenda dos autores foram montadas mesas retangulares, compridas, para os escritores autografarem seus livros. Eu estava com uma amiga da época, aguardávamos ansiosamente a fila caminhar mais um passo, e mais outro, e nos aproximarmos daquele homem de cabelos na altura do queixo, cabelos grisalhos quase brancos. Um metro e setenta de altura; ele permanecia sentado. Ele traduz isso em toda (sua) poesia:

meu corpo de 1,70m que é meu tamanho no mundo  
meu corpo feito de água  
e cinza  
que me faz olhar Andrômeda, Sírius, Mercúrio  
e me sentir misturado  
a toda essa massa de hidrogênio e hélio  
que se desintegra e reintegra  
sem se saber pra quê<sup>2</sup>

José Ribamar Ferreira nasceu em 10 de setembro de 1930 na cidade de São Luís do Maranhão. Aos vinte anos se mudou para o Rio de Janeiro, transformando-se em um dos mais cariocas dos nordestinos.

---

<sup>1</sup> Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de vídeo podcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: [grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com](mailto:grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com) e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

<sup>2</sup> GULLAR, Ferreira. *Poema sujo*. In *Toda poesia* (1950-1999). 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, (1975 in) 2006, p. 239.

Mas São Luís nunca se afastou de Ferreira Gullar nem de seu imaginário poético. Ele canta a cidade natal, expõe as cores da cidade natal, como um artista e seu pincel, como um fotógrafo e sua câmera numa fotografia aérea da ilha de São Luís.

eu devo ter ouvido  
ou mesmo visto  
o avião como um pássaro  
branco  
romper o céu  
veloz voando sobre as cores da ilha  
num relance passar  
no ângulo da janela  
como um fato qualquer  
eu devo ter ouvido esse avião  
que às três e dez de uma tarde  
há trinta anos  
fotografou nossa cidade<sup>3</sup>

Apreendemos nos versos de Gullar o azul dos azulejos da sua São Luís do Maranhão. Mas não somente. O poeta traduz na escrita o seu olhar do mundo, questiona a própria arte, sob a forma de prosa poética e forja um vocabulário gullariano.

Porque estou morto é que digo: o apodrecer é sublime e terrível. Há porém os que não apodrecem. Os que traem o único acontecimento maravilhoso de sua existência. Os que, súbito, ao se buscarem, não estão... Esses são os assassinos da beleza, os fracos. Os anjos frustrados, papa-bostas! oh como são pálidos!

Ouçam: a arte é uma traição.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> GULLAR, Ferreira. Uma fotografia aérea. In *Dentro da noite veloz*. In Op. cit., (1962-1975 in) 2006, p. 212-213.

<sup>4</sup> GULLAR, Ferreira. Carta do morto pobre. In Um programa de homicídio. In *A luta corporal*. In Op. cit., (1950-1953 in) 2006, p. 22.

Uma das pinturas mais conhecidas do artista belga René Magritte chama-se “A traição das imagens” (1928-1929) – traição que começa pelo *Ceci n’est pas une pipe*<sup>5</sup> que Magritte desenha como legenda de um cachimbo.<sup>6</sup> E essa também é a traição de Gullar. Utilizando-se de palavras sujas tais como lepra, urina, podre, mijó, ferrugem, lama, ele vasculha suas essências, duvida de suas certezas, forja um vocabulário próprio e transmuta as palavras sujas em pedra, ouro, sol e mar.

As crianças riem no esplendor das frutas, Vina,  
o sol é alegre.  
Esta estrada, esta estrada de terra  
onde as velhas sem teto se transformam em aves. O sol  
é alegre.  
Fala-me da ciência. O hálito maduro  
em que as folhas crescem donas de sua morte.  
[...]  
Não te posso dizer: ‘vamos’ – senão por aqui.  
A infância dentro da luz dum musgo que os bichos  
comem com a sua boca.  
Eu ouço o mar; sopro, caminho na folhagem.  
Mirar-nos límpidos no susto das águas escondidas!,  
A alegria debaixo das palavras.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Em *Isto não é um cachimbo*, Tradução de Jorge Coli, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, o filósofo francês Michel Foucault analisa exaustivamente a emblemática pintura de René Magritte “A traição das imagens” e nos apresenta a mesma incerteza desconcertante (mas transformadora) que iremos encontrar na poesia de Ferreira Gullar.

<sup>6</sup> Outra imagem emblemática de Magritte e que trata dessa mesma quebra de certezas de Gullar é “O império das luzes” (1954), que a pesquisadora belga em História da Arte Julie Waseige nos apresenta em *Le Musée Magritte*, Bruxelles, Ludion, 2014, p. 82: “Esse céu diurno e luminoso pendendo sobre essa paisagem noturna oferece uma solução ao problema seguinte: como representar ao mesmo tempo o interior e o exterior?” – (Tradução livre nossa).

<sup>7</sup> GULLAR, Ferreira. A fala. In *A luta corporal*. In Op. cit., (1950-1953 in) 2006, p. 40 e 41.

## Os objetos

Gullar não apenas limpa as palavras sujas, não apenas transforma lama no ouro em pó. Servindo-se da técnica das listas que apreendemos no módulo do Japão dos Estudos em Escrita Criativa On-line 2020 com Sei Shônagon, Gullar guia quem lê pelo mar de sentidos que os seus objetos vão desvelando e nos seduzindo.

Aí o homem sério entrou e disse: bom dia

Aí o outro homem sério respondeu: bom dia

Aí a mulher séria respondeu: bom dia

Aí a menininha no chão respondeu: bom dia

Aí todos riram de uma vez

Menos as duas cadeiras, a mesa, o jarro, as flores, as paredes,  
o relógio, a lâmpada, o retrato, os livros, o mata-borrão, os  
sapatos, as gravatas, as camisas, os lenços.<sup>8</sup>

[Notamos o refrão “bom dia” na boca de personagens diferentes (os homens sérios, a mulher, a menininha), em cada personagem um sentido diverso, assim como narra Edgar Allan Poe em “A filosofia da composição” sobre “O corvo” que estudamos no módulo da Língua Inglesa em 2020 e no módulo de fevereiro 2021 de Manuel Bandeira nos EECs On-line.]

Em *Romances de cordel*, Gullar nos apresenta, em uma das formas mais fortes e populares da sua São Luís, histórias de luta e sofrimento do povo pobre, sofrimento que ele fará questão de colocar à mostra, no centro de toda (sua) poesia, até as últimas consequências: a perseguição durante a ditadura brasileira e o imposto exílio na Argentina.

Em um dos cordéis, ele narra como uma moça sonhadora e favelada ateou fogo às próprias vestes.

Aparecida, esta moça  
cuja história vou contar,

---

<sup>8</sup> GULLAR, Ferreira. Ocorrência. In *O vil metal*. In Op. cit., (1954-1960 in) 2006, p. 40 e 41.

não teve glória nem fama  
de que se possa falar.  
Não teve nome distinto:  
criança brincou na lama,  
fez-se moça sem ter cama,  
nasceu na Praia do Pinto,  
morreu no mesmo lugar.<sup>9</sup>

[Gullar apresenta nesses cordéis, na primeira estrofe, a sinopse de toda a narrativa.]

Os objetos de Gullar são causa e consequência para o destino de seus personagens. Foi por causa de um objeto que Aparecida cumpriu sua sina.

E assim foi que Aparecida  
se tornou uma mocinha.  
Falou pra mãe que queria  
ganhar uma criancinha.  
Já que boneca era caro  
E dinheiro ela não tinha,  
ter um filho era mais fácil  
dela conseguir sozinha.<sup>10</sup>

Servindo-se de uma filosofia do corpo ausente que encontramos também em Jacques Rancière e o seu *Políticas da escrita*,<sup>11</sup> descobrimos a encarnação do sopro de vida nos objetos ao redor, que um dia desaparecerão com a nossa própria morte.

---

<sup>9</sup> GULLAR, Ferreira. Quem matou Aparecida: história de uma favelada que ateou fogo às vestes. In *Romances de cordel*. In Op. cit., (1962-1967 in) 2006, p. 123.

<sup>10</sup> GULLAR, Ferreira. Idem, p. 125.

<sup>11</sup> Em *Políticas da escrita* (Tradução: Raquel Ramallete... [et al], Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 41), Jacques Rancière nos apresenta essa escrita da letra órfã de pai ausente do discurso que Ferreira Gullar imprime em toda (sua) poesia: “Antes de ser polissemia ou disseminação, a escrita é divisão. E é a essa divisão que a literatura dá figura, ao reexpor sem cessar a questão do pai do discurso e do corpo da letra. Ela tem seu ato no gesto que desfaz a relação estabelecida da

Se morro  
o universo se apaga como se apagam  
as coisas deste quarto  
se apago a lâmpada:  
os sapatos-da-ásia, as camisas  
e guerras na cadeira, o paletó-  
dos-andes,  
bilhões de quatrilhões de seres  
e de sóis  
morrem comigo.

Ou não:  
o sol voltará a marcar  
este mesmo ponto do assoalho  
onde estive meu pé;  
deste quarto  
ouvirás o barulho dos ônibus na rua;  
uma nova cidade  
surgirá de dentro desta  
como a árvore da árvore.

Só que ninguém poderá ler no esgarçar destas nuvens  
a mesma história que eu leio, comovido.<sup>12</sup>

---

realidade e da ficção, ou da filosofia e do poema, para devolver toda matéria de ficção ou todo ritmo poético ao estatuto da letra abandonada: letra emancipada que apaga a divisão de legitimidade na comunidade indiferente dos seres falantes, letra órfã à procura de seu corpo de verdade.”

<sup>12</sup> GULLAR, Ferreira. Poema. In *Dentro da noite veloz*. In Op. cit., (1962-1975 in) 2006, p. 217.

## A casa

Mas eu tive uma ótima infância. Vivia pescando no rio e fazendo molecagem na rua. São Luís é uma cidade muito bonita, cheia de vento, de palmeiras. A vida era uma coisa maravilhosa do ponto de vista da experiência animal dela. Eu tinha horror de virar adulto.<sup>13</sup>

Talvez pela força do vento, ou porque fosse mesmo inconfundível, o assobio dos meninos que cortava a tarde de São Luís em meados dos anos 40 parecia alto demais. Dentro de casa, entrincheirado entre papéis e livros, o garoto resistia ao chamado dos colegas. “Não posso!”, gritava. Depois de alguns minutos, os assobiadores, inconformados, sem fôlego, a boca seca, armavam-se de pedras e começavam a atacar a incompreensível fortaleza. [...] Por fim, entenderiam. O amigo, José Ribamar Ferreira, o “Periquito”, o futuro Ferreira Gullar [...], só atenderia a uma convocação: a da literatura.<sup>14</sup>

Os poemas de Gullar tecem um mapa afetivo da cidade de São Luís do Maranhão assim como a de São Sebastião do Rio de Janeiro. Vamos nos aproximando dessas cidades e das casas em cujas paredes ele imprimiu os seus “poemas de ferro”.

E sobre as tábuas  
a nossa vida, os nossos móveis,  
a cadeira de embalo, a mesa de jantar,  
o guarda-roupa  
com seu espelho onde a tarde dançava rindo  
feito uma menina  
E as janelas abertas  
por onde o espaço como um pássaro  
fugia  
sobrevooava as casas e rumava  
num sonho  
para as cidades do sul<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> GULLAR, Ferreira. *Edição especial – 10 anos dos Cadernos de Literatura Brasileira*. Número 22. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, julho de 2007, p. 96.

<sup>14</sup> *Cadernos de Literatura Brasileira – Ferreira Gullar*. Número 6. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, setembro de 1998, p. 5.

<sup>15</sup> GULLAR, Ferreira. A casa. In *Dentro da noite veloz*. In Op. cit., (1962-1975 in) 2006, p. 220.

A miséria, a finitude e a pequenez da vida tecem a sua maior bandeira, tanto na cidade dos azulejos...

Ah, minha cidade suja  
de muita dor em voz baixa  
de vergonhas que a família abafa  
em suas gavetas mais fundas  
de vestidos desbotados  
de camisas mal cerzidas  
de tanta gente humilhada  
comendo pouco  
mas ainda assim bordando de flores  
suas toalhas de mesa  
suas toalhas de centro<sup>16</sup>

... quanto naquela cidade maravilhosa – na morte de uma amiga querida...

Enquanto te enterravam no cemitério judeu  
Do Caju  
(e o clarão de teu olhar soterrado  
resistindo ainda)  
o táxi corria comigo à borda da Lagoa  
na direção de Botafogo  
E as pedras e as nuvens e as árvores  
no vento  
mostravam alegremente  
que não dependem de nós<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> GULLAR, Ferreira. *Poema sujo*. In Op. cit., (1975 in) 2006, p. 277.

<sup>17</sup> GULLAR, Ferreira. Morte de Clarice Lispector. In *Na vertigem do dia*. In Op. cit., (1975-1980 in) 2006, p. 303.

... até retornar para o imaginário poético tecido na infância em São Luís, na casa de tábuas, pobreza, mas beleza, que somente toda (uma) poesia é capaz de abarcar.

Acho que mais me imagino  
do que sou  
ou o que sou não cabe  
no que consigo ser  
e apenas arde  
de trás desta máscara morena  
que já foi rosto de menino.

Conduzo  
sob minha pele  
uma fogueira de um metro e setenta de altura.

Não quero assustar ninguém.  
Mas se todos se escondem no sorriso  
na palavra medida  
devo dizer  
que o poeta gullar é uma criança  
que não consegue morrer<sup>18</sup>

### Filmes sobre Ferreira Gullar e a Escrita Criativa

- 1) *Ferreira Gullar: Traduzir-se* (2016):  
<https://www.youtube.com/watch?v=qdlvu6z8WaI>
- 2) *Ferreira Gullar: A necessidade da arte* (2015):  
<https://www.youtube.com/watch?v=yRLDFOjxRWc>
- 3) *Ferreira Gullar – Roda Viva* (2011):

---

<sup>18</sup> GULLAR, Ferreira. Detrás do rosto. In *Barulhos*. In Op. cit., (1980-1987 in) 2006, p. 370.



[https://www.youtube.com/watch?v=JOZIS- Pwxo](https://www.youtube.com/watch?v=JOZIS-Pwxo)

### **Exercício de desbloqueio**

A partir da transformação das palavras sujas no ouro em pó de Ferreira Gullar, construam poemas, contos, reflexões não ficcionais em forma de escrita, ou de imagens fotográficas, ou de vídeos curtos.